

Investigação em Arte, Ensino e Experiências Transcontinentais

Organizadores
José Albio Moreira de Sales
Mirian Nogueira Tavares

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuzza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR - Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR - Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL - Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira • Ana Cristina de Moraes • André Lima Sousa • Antonio Rodrigues Ferreira Junior
Daniele Alves Ferreira • Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos
Germana Costa Paixão • Heraldo Simões Ferreira • Jamili Silva Fialho • Lia Pinheiro Barbosa
Maria do Socorro Pinheiro • Paula Bittencourt Vago • Paula Fabricia Brandao Aguiar Mesquita
Sandra Maria Gadelha de Carvalho • Sarah Maria Forte Diogo • Vicente Thiago Freire Brazil

Organizadores
José Albio Moreira de Sales
Mirian Nogueira Tavares

Investigação em Arte, Ensino e Experiências Transcontinentais

ADÉRITO FERNANDES-MARCOS
ANA CRISTINA DE MORAES
ANA FILIPA MARTINS
ANTÓNIO FRAGOSO
BRUNO MENDES DA SILVA
DENISE MELLER LOSEKANN
ELTER MANUEL CARLOS
ELTON DA SILVA SOUZA
FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO
FRANCISCO SILVA CAVALCANTE JUNIOR
GABRIEL EVANGELISTA
JOÃO ÁLVARO FERNANDES
JOSÉ ALBIO MOREIRA SALES
LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES
MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA
MIRIAN NOGUEIRA TAVARES
NATÁLIA LARANJINHA
PEDRO ALVES DA VEIGA
RAFAEL DE SOUSA CARVALHO
SELMA PEREIRA
SUSANA COSTA
THALITA DE CÁSSIA REIS TEODORO
THAYNÁ GOMES DE MELO LEITE



1ª EDIÇÃO

FORTALEZA-CE | 2025

INVESTIGAÇÃO EM ARTE, ENSINO E EXPERIÊNCIAS TRANSCONTINENTAIS

© 2025 Copyright by José Albio Moreira de Sales e Mirian Nogueira Tavares (Orgs.)

O conteúdo deste livro bem como os dados usados e sua fidedignidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Jarles Lopes de Medeiros
jarles.lobes@uece.br

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UID/04019: Centro de Investigação em Artes e Comunicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

5163i Sales, José Albio Moreira de

Investigação em arte, ensino e experiências transccontinentais/
José Albio Moreira de Sales; Mirian Nogueira Tavares (org.). – Fortaleza: EdUECE, 2025.

295p. il. [livro eletrônico]

ISBN: 978-85-7826-996-8

<https://doi.org/10.34623/ye65-be91/978-85-7826-996-8>

1. Arte. 2. Educação. 3. Ensino. 4. Experiência. 5. Sales, José Albio Moreira de. 6. Tavares, Mirian Nogueira. I. Título

CDD 370

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO • 7

José Albio Moreira Sales

Mirian Nogueira Tavares

PARTE I

ARTE, INTERDISCIPLINARIDADE, CULTURA E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

1 **PROJETO INVITRO: NO CAMINHO DA DEMOCRATIZAÇÃO E DA TRANSDISCIPLINARIDADE ENTRE ARTEFATOS, EXPERIÊNCIAS E PENSAMENTO CRIATIVO • 15**

Adérito Fernandes-Marcos

Selma Pereira

2 **A/R/COGRAFIA NO ENSINO E PRÁTICA ARTÍSTICA: A EXPERIÊNCIA NO DOCTORAMENTO EM MÉDIA-ARTE DIGITAL • 35**

Pedro Alves da Veiga

3 **O JOGO UNBULLY: FANTASIA E EMPATIA PARA ENFRENTAR O DISCURSO DE ÓDIO EM COMUNIDADES ONLINE • 66**

Gabriel Evangelista

Susana Costa

Ana Filipa Martins

Bruno Mendes da Silva

4 **ARTE E CULTURA POPULAR NOS CURSOS DE ARTES VISUAIS: INSISTÊNCIA/RESISTÊNCIA • 89**

Leda Maria de Barros Guimarães

PARTE II

ENSINO, PESQUISAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CAMPO DA ARTE

5 **A ESPETACULARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: INVESTIGANDO O IMAGINÁRIO VISUAL DE UMA ESCOLA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO • 127**

João Álvaro Fernandes

António Fragoso

- 6 O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NUMA PERSPETIVA PÓS-HUMANISTA: O CASO DE MARROCOS • 152**
Natália Laranjinha
- 7 EDUCAÇÃO ESTÉTICA EM MOSTRAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS NO CURSO DE PEDAGOGIA • 172**
Elton da Silva Souza
Ana Cristina de Moraes
- 8 PRESENÇA DO CORPO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS AFORREFERENCIADAS PARA UMA EDUCAÇÃO SENSÍVEL E ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE • 190**
Thalita de Cássia Reis Teodoro
Francione Oliveira Carvalho

PARTE III

ARTE NO DIÁLOGO COM A *POÍESIS* E FORMAÇÃO ESTÉTICA

- 9 EMPOEMAR A UNIVERSIDADE É PRECISO • 215**
Francisco Silva Cavalcante Junior
- 10 IMPERMANÊNCIA PRÍSTINA DA IMAGEM-SERPENTE • 231**
Rafael de Sousa Carvalho
Thayná Gomes de Melo Leite
José Albio Moreira Sales
- 11 SOBRE IMAGENS QUE COMPÕEM COM ESCRITAS NO AGENCIAMENTO DE UM DIÁRIO COLETIVO • 243**
Marilda Oliveira de Oliveira
Denise Meller Losekann
- 12 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO COMO OBRA DE ARTE: ENSINAR EXIGE ÉTICA E ESTÉTICA • 265**
Elter Manuel Carlos

8 PRESENÇA DO CORPO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS AFRRREFERENCIADAS PARA UMA EDUCAÇÃO SENSÍVEL E ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE

<https://doi.org/10.34623/fqe8-4e69/978-85-7826-996-8/cap8>

THALITA DE CÁSSIA REIS TEODORO

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra em Dança pela Universidade Federal da Bahia. MA in Arts - Contemporary Dance Performance pela Universidade de Limerick na Irlanda. Licenciada e bacharel em Dança pela Universidade Federal de Viçosa. Bailarina, atriz, pesquisadora e professora. Integrante do MIRADA - Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente da UFJF. E-mail: thalitareis@hotmail.com

FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO

Doutor e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Estágio de Pós-Doutoramento em História pela FFLC/USP. Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Estadual do Paraná. Licenciado em Educação Artística pelo Centro Universitário Belas Artes de SP. Formado pelo Curso de Dança Moderna da UFPR. Professor da Faculdade de Educação da UFJF, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da USP. Líder do MIRADA - Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente da UFJF. E-mail: francioneoliveiracarvalho@gmail.com

Para abrir a roda



isando resgatar a cultura e a valorização das africanidades, o governo brasileiro alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei n.º 9.394/96, ao sancionar a Lei n.º 10.639, em 09 de janeiro de 2003, tornando obrigatório o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas da educação básica e no ensino superior, com destaque para os cursos de formação de professores. O parecer do CNE/CP n.º 03/2004 aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas. A Lei n.º 10.639 foi atualizada pela Lei n.º 11.645, em 2008, reforçando os estudos de culturas indígenas. A criação da Lei n.º 10.639/2003 ocorreu dois anos após a III Conferência de Durban, com o intuito de reparar as desigualdades históricas a respeito da população negra, bem como contribuir para que se possa diminuir o número de pessoas vítimas do racismo e da discriminação racial. Diego dos Santos Reis (2020) diz que:

No âmbito da educação, o relatório da conferência engloba mais de quinze pontos, que serão fundamentais para as discussões travadas em torno da Lei 10.639/03. Os tópicos incluíam a questão do desenvolvimento de programas culturais e educacionais; a implementação de programas de educação formal e informal – em diálogo com organizações de jovens; a recomendação de

elaboração de materiais didáticos antirracistas; e o incentivo à cooperação com órgãos internacionais, organizações não-governamentais e setor privado no combate ao racismo, com a participação ativa do MNU (Reis, 2020, p. 7-8).

Em face dessas questões, a Conferência de Durban “foi motivo de grandes expectativas e esperanças para o Movimento Negro do Brasil e para o conjunto da população negra” (Carneiro, 2023, p. 145). Esse advento criou a necessidade de produção de material didático específico, adaptado às várias etapas da educação básica e, sobretudo, à formação de professores, com destaque para os da área de Arte, Língua Portuguesa e História. Mesmo com as atuais reformas no ensino, muito ainda precisa ser feito para a sua implementação, e os esforços parecem se multiplicar.

Portanto, o presente texto tem como objetivo refletir criticamente sobre as propostas pedagógicas afrorreferenciadas que valorizam a corporeidade negra como fonte de produção de conhecimento, bem como apontar caminhos que interpelam criticamente como elas podem auxiliar nos processos para uma educação antirracista nos cursos de formação de professores da educação básica.

Se o aprendizado é marcado pelo corpo, e o corpo é entendido como produtor de conhecimento, o nosso e o seu corpo são fundamentais no processo educativo, além de moradas ancestrais. Uma educação afrorreferenciada é tecida pelas filosofias africanas, e está implicada no respeito a todas as formas de vida. Dessa forma, Adilbênia Freire Machado e Lorena Silva Oliveira (2022) nos explicam que por prática pedagógica afrorreferenciada podemos entender que:

As filosofias afrorreferenciadas nos orientam/relembram que a vida, as relações, a dinâmica da natureza com seus ciclos são livros abertos e escolas divinas para

uma vida bem vivida e qualificada, tecida por memórias e saberes ancestrais, pelas marcas do tempo em nossos corpos. É preciso aprender a ler / escutar / sentir o mundo! Logo, tendo como referências as filosofias escritas nas folhas de papel e as filosofias que estão nos livros da vida, entendemos que somente a observação, a escuta sensível e vivência/experiência atenciosa, respeitosa podem nos auxiliar a traduzir os saberes neles presentes. Assim, encontraremos aprendizados que podem ser utilizados para a construção/apresentação de outros mundos e, conseqüentemente, de uma educação pluriversal e integradora que faça sentido e traga vitalidade para todas as pessoas que estão abertas para ser apresentadas a outros mundos, interagir e contribuir com sua transformação (Machado, Oliveira, 2022, p. 5).

Dialogando com essa filosofia, trazemos para este texto uma ação realizada dentro do doutoramento de Thalita Reis (2024), que dialoga com as experiências e tradições afro-brasileiras como geradoras de novos conhecimentos e dinâmicas educativas na formação de professores (Carvalho, 2021).

Desenvolvendo práticas antirracistas na formação de professores

O curso intitulado “Presença do corpo: práticas pedagógicas afrorreferenciadas para uma educação antirracista” teve como objetivo refletir criticamente sobre as propostas pedagógicas afrorreferenciadas que podem auxiliar na efetivação de uma educação antirracista durante a formação de licenciandos do curso de Pedagogia e Artes Visuais. Dessa forma, é muito importante que os egressos das licenciaturas “consigam transitar no mundo visualmente complexo e marcado por diferentes experiências culturais em que vivemos”. Ainda assim, essa realidade só será possível se, “em suas formações, eles tenham

a possibilidade de entrar em contato com a arte e a cultura a partir de experiências que envolvam a cognição, o afeto e a vida, [...]”; e, assim, vivenciar experiências significativas e estéticas (Carvalho, 2021, p. 412).

Como consequência, podemos ampliar os saberes através de diálogos interdisciplinares e da cultura afro-brasileira com práticas pedagógicas vivenciais marcando o aprendizado no corpo: o corpo como centro de tudo (Ligiéro, 2011). Ou seja, a partir do descentramento sensorial, que é “uma maneira de desapegar-se das familiaridades perceptivas para recapturar outras maneiras de [...] sentir a multidão dos mundos que se escoram no mundo” (Carvalho, 2021, p. 401). Além de que:

Se o indivíduo toma consciência de si através do sentir, cabe a formação de professores estimular e valorizar experiências sensoriais e perceptivas diversas. Nesse contexto, a cultura e a arte, por operarem com o simbólico, podem nos ajudar a dar sentido para o que nos atravessa. As pessoas habitam universos culturais e sensoriais diferentes, portanto, enquanto formadores de professores, precisamos ajudar os estudantes a desvelarem o sentido do que vivenciam. Afinal, só aquilo que faz sentido marca o campo da experiência (Carvalho, 2021, p. 401-411).

Durante o curso livre, que ocorreu em três noites na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), foi desenvolvido e inspirado no Modelo de Ação Pedagógica da Pedagogia Griô e no referencial teórico-metodológico da Pretagogia, práticas corporais afrorreferenciadas com movimentos, danças, presença, corpo, sensações “que perpassam diversas danças afrodescendentes, as quais, mesmo quando mesclado com outras matrizes (sobretudo a europeia), identifica a predominância dos marcadores africanos”, como explica Petit (2016, p. 71).

A Pedagogia Griô foi criada pela educadora, escritora e agricultora familiar baiana Lillian Pacheco, e nasceu no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, na cidade de Lençóis na Chapada Diamantina/BA, e hoje possui grupos por todo o Brasil. A Pedagogia Griô integra mito, arte, ciência, história de vida e todos os saberes e fazeres tradicionais da comunidade. Já a Pretagogia, como uma proposta de referencial teórico-metodológica, surge a partir de várias experiências do grupo de pesquisa e intervenção Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC), onde a professora Sandra Haydée Petit e o professor Henrique Cunha elaboraram o Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana realizado em dois quilombos no município de Novo Oriente, Ceará, entre 2009 e 2011. O curso colocava em prática o que já trabalhavam, de certa forma direcionando-o de modo mais afrorreferenciado possível, com a “cosmovisão africana” como eixo central.

Baseados nessas duas propostas pedagógicas afrorreferenciadas, os módulos do nosso curso foram divididos em dois, totalizando três encontros:

MÓDULO 1: HISTÓRIA DE VIDA E TRADIÇÃO ORAL

“Apartado” (filme)

1. História do meu nome.
2. Histórias da minha linhagem, inclusive agregados.
3. Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/territorialidades e desterritorialidades.
4. História de vida e tradição oral.
5. Prática da roda de contação de história de vida: integração da identidade e da ancestralidade.

MÓDULO 2 CORPO E ANCESTRALIDADE

1. A circularidade.
2. Mitos/lendas/o ato de contar/valorização da contação/linguagens artísticas.

3. Apresentação em duplas ou trios da aula performática.
4. Produção compartilhada.

Primeiro Encontro

Figura 1 – A griô Thalita Reis abrindo os trabalhos no curso



Fonte: Registros de Paula Duarte (2022).

As cadeiras da sala de aula foram afastadas para criar um espaço amplo e acolhedor. Aos poucos, as estudantes foram chegando. Os olhares entre eles já denunciavam que algo estava “diferente”, como um integrante do grupo escreveu posteriormente na avaliação do curso:

Quando chegamos, sentimos surpresa já que esperávamos ficar sentados apenas ouvindo uma palestra ou algo assim.

Outra estudante disse:

Nós pensamos que seria um curso formal, com apostilas, como é dentro do parâmetro acadêmico.

Já um integrante do grupo relatou:

A dinâmica da aula nos surpreendeu, pois esperávamos slides e textos acadêmicos.

Essas reações não nos surpreenderam, considerando a hegemonia cultural em sua versão tradicional, eurocêntrica e colonial que se faz presente nos campos de produção de conhecimento em detrimento de um conhecimento afrorreferenciado e metodologias que “são pautadas desde as histórias que nos foram negadas nas escolas e universidades, perpassadas pela oralidade, pela memória, pelos valores que delineiam o cotidiano da população negra diaspórica que forma o Brasil, perpassadas por corpos negados e cheios de potência e resistência”(Machado, 2019, p. 107).

Desse modo, para dar início ao curso, Thalita os convidou para formar uma roda enquanto cantava também a canção “A sala está cheia”, aprendida com Mayara Alvin, em Juiz de Fora, em 2018.

*A sala tá cheia, minha gente.
Como é que eu entro agora.
Eu entro, minha gente, eu entro.
Com Deus e Nossa Senhora.*

Puxados pela cantiga e pelo som do maracá, os estudantes formaram um círculo. Tivemos vinte inscrições, porém somente sete discentes compareceram no primeiro encontro. A Chegança, junto com a Roda de Bênção, é o primeiro momento de uma aula inspirada na Pedagogia Griô. Esse momento é para encantar as educandas e trazê-las para a consciência do momento presente. Na Chegança, deste povaréu, cantamos juntos a música “Oh lua nova”, aprendida com Márcio Caires. Assim, cada um foi falando o seu nome de acordo com que a música ia se repetindo, e todos cantavam o nome de cada um do grupo para nos conhecermos logo nesse primeiro momento de encantamento.

*Oh lua nova,
cadê a lua cheia
a Thalita tá chegando
pra deixar rastro na areia*

Já em roda, percebemos, através dos olhinhos arregalados dos estudantes, uma preocupação e ansiedade, algo que também sentíamos. Então, eles foram convidados para ficarem de pé com os pés paralelos, fecharem os olhos e respirarem normalmente, inspirando e expirando o ar pelo nariz. Foi pedido para que eles visualizassem e sentissem os pés, os joelhos, as pernas, a bacia, os braços, o tronco, o pescoço e a cabeça. Em seguida, foram orientados a colocarem uma mão na barriga e outra no coração e que, dessa vez, respirassem mais de forma lenta e profunda. Assim, como no Corpo-chão da Pretagogia e o enraizamento da Pedagogia Griô, os pés criam uma forte conexão com o chão (Petit, 2016). Depois, foi solicitado que o grupo percebesse os sons mais distantes da sala, em seguida, os sons mais próximos e, por último, escutassem o som do próprio coração. O grupo teve a oportunidade de fazer um mergulho em si e perceber o momento presente.

Em seguida, foram convidadas para a Roda de Bênção aos nossos ancestrais, avós, pais e tias, ou seja, alguém mais velho da família. Assim, passamos o maracá para cada pessoa pedir uma bênção. Cada um pediu a bênção e no final dizia: “eu sou ‘fulano’, olhando para todos, passando o maracá em seguida para o próximo.

Para iniciar os momentos de vivência, os estudantes foram convidados a dançar uma ciranda. Foi escolhida a cantiga “Ciranda”, de Lia de Itamaracá. Esse primeiro contato do corpo e do movimento através da dança tradicional foi extremamente ativo e potente. Em seguida, o convite foi para dançar o coco de roda. O coco é uma dança de roda e ritmo da região Nordeste do Brasil. Ele tem influências dos batuques africanos e dos bailados indígenas, como o povo Fulni-ô, de Pernambuco. Esse

momento elevou a vitalidade e alegria do grupo, bem como a integração das pessoas participantes, despertando o sentimento de pertencimento ao grupo.

Figura 2 – Registro do Primeiro Encontro



Fonte: Registros de Paula Duarte (2022).

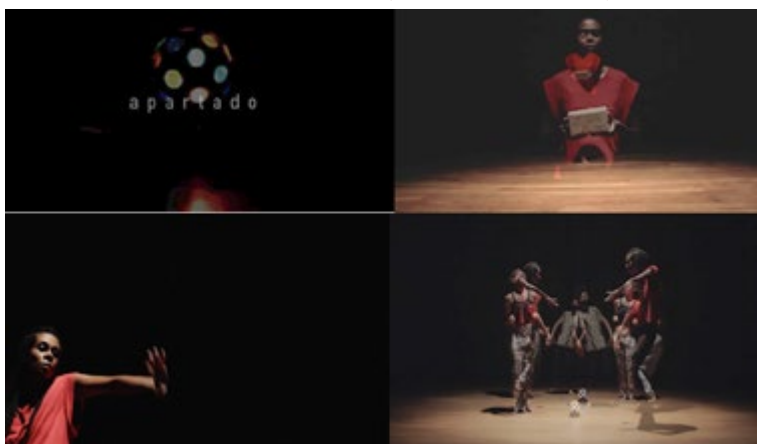
Continuamos em círculo com Roda de Harmonização, girando a roda, e pousamos levemente as mãos na altura dos rins do colega, sentindo a respiração e o peso do corpo. Girando a roda, marcamos a batida dos pés até cessar lentamente e marcando a batida com o pé direito no lugar. A Roda de Harmonização agrupa os integrantes da aula em um só grupo. Geralmente, usa-se um toré para esse momento, uma dança circular de origem indígena, que é dançada em fila ou pares.

Em seguida, foi apresentada a cantiga “Embala eu Mamãe”, aprendida com Mestre Marcio Grio, que aprendeu com Valdecir Santana – erveira e parteira indígena de Serra Grande, Ilhéus/ Bahia.

*Oh mamãe, embala eu mamãe
Abraça eu mamãe
Cuida de mim.*

Com esse sentimento de embalo e em profundo silêncio, os estudantes foram convidados para sentar-se nas cadeiras para assistir ao filme “Apartado”, trabalho autobiográfico, iniciado em 2017, no qual Thalita Reis toca em memórias e no processo de construção da sua identidade enquanto artista, mulher e negra. A versão apresentada foi criada especialmente para ser apresentada em contexto *online*, devido às restrições impostas pela pandemia da covid-19.

Figura – Apartado (Versão filme, 2021)



Fonte: acervo da autora (2021).

A partir da obra “Apartado” (2021), podemos observar alguns marcadores das africanidades (Petit, 2016), como história da minha linhagem, história do meu lugar de pertencimento, dança negra, racismos e cabelo afro. Esses marcadores das africanidades representam elementos estruturantes da busca da ancestralidade da artista. Ao analisar o referido filme, é possível percebermos como esses marcadores transbordam nas vivências e experiências de Thalita Reis e de como eles ressoam nos mais diversos momentos de sua vida. A exibição da obra no primeiro encontro gerou tanto identificações com a narrativa mos-

trada como também interesse pela cultura e saberes afro-brasileiros e africanos. Pois, segundo Machado (2019, p. 25), “[...] pensar / criar / aprender / ensinar / ser desde referenciais que tem a ancestralidade africana como guia potencializa nosso estar no mundo, nos encantando, nos implicando com um mundo melhor, mais digno de se viver”.

Logo em seguida, foi o momento de apreciarmos uma roda de Contação de Histórias. Euá, história da África do Oeste. História aprendida através de uma adaptação realizada por Lillian Pacheco, disponível no YouTube na página da Escola de Formação Pedagogia Griô.

Depois da história, cantamos e dançamos a cantiga “Oh marinheiro”, aprendida com Mestre Márcio Griô.

*Oh marinheiro
é hora, é hora de trabalhar
Oh marinheiro
é hora, é hora de trabalhar
Tá no céu na terra tá no mar
oh marinheiro olha balanço do mar.*

A partir de uma palma, foi solicitado que as estudantes formassem duplas e partilhassem as memórias e o aprendizado na aula. Era necessário que cuidassem do tempo, para que as duas pessoas pudessem falar com um tempo bem distribuído.

Voltamos a cantar e a dançar pelo espaço juntos.

Foi solicitado, novamente, que criassem uma dupla diferente. Esse exercício durou mais uma rodada. Em seguida, o grupo foi dividido em dois grupos menores de quatro pessoas para que falassem da experiência que viveram na oficina, nos sentimentos emergidos, nas memórias etc. Ao final da conversa, foi pedido para que cada integrante do grupo escrevesse uma palavra que resumisse o impacto que a oficina causou.

Para terminar, uma pessoa do grupo compartilhou o que foi conversado e colocou as palavras escritas no centro da roda.

As palavras escritas pelo primeiro grupo foram: “surpresa”, “performance”, “gostoso”, “conexão”. Já o segundo grupo escolheu: “relaxamento”, “respeito”, “herança” e “lembrança”.

Com as palavras escritas em folhas de papel espalhadas pelo chão, foi solicitado que os grupos agrupassem as palavras de acordo com a sensação que vivenciaram no encontro. As estudantes decidiram que “herança” e “lembrança” deveriam ficar postas uma ao lado da outra e “surpresa”, “performance”, “gostoso”, “conexão”, “relaxamento” e “respeito” ficassem numa fileira separada e uma do lado da outra.

Finalizando essa parte, foi solicitado que para o segundo dia da oficina os inscritos trouxessem qualquer objeto que representasse algo relacionado às suas famílias e que procurassem as pessoas mais velhas da família para que compartilhassem memórias do objeto escolhido.

Segundo Encontro

Figura 4 – Registros do Segundo Encontro



Fonte: Registros de Paula Duarte (2022).

No segundo encontro, os olhinhos já estavam mais relaxados e alegres. Aos poucos, os nove participantes que integraram o grupo nessa noite foram chegando carregando consigo os objetos que foram solicitados no encontro anterior. Colocamos todos os objetos juntos em cima de uma mesa. Lembrando que, no primeiro encontro, vieram sete estudantes e no segundo dia apareceram nove. Ou seja, duas integrantes do grupo não trouxeram de casa o objeto selecionado.

Começamos o encontro com uma ciranda chamada “Pilão”, aprendida com o mestre griô Márcio Caires:

*Vem cá, Iá Iá
Vem ver
A pancada do pilão bater
A pancada do pilão bater
Vem cá, Iá Iá, vem ver.*

Em seguida, partimos para uma brincadeira popular para trabalharmos o gesto, o movimento, o sentimento e a integração do grupo. Dançamos em roda a cantiga “Piaba”, do folclore brasileiro, que consiste em uma pessoa entrar no centro da roda e, ao final da cantiga, convidar outra pessoa para dançar no centro, dando-lhe uma umbigada.

*Sai, sai, sai, Ó, piaba
Saia da lagoa.
Bota a mão na cabeça,
A outra na cintura.
Dá um remelexo no corpo,
Dá uma umbigada. No outro*

Em seguida, os estudantes foram convidados para caminhar pelo espaço em várias direções e a olharem nos olhos dos outros colegas quando cruzassem com eles, mas que também mantivessem um distanciamento do outro, respeitando o espaço pessoal de cada um. E então, uma aluna lembrou de uma

dança parecida com os movimentos do *funk* misturados com os do samba, e mostrou para o grupo enquanto tentávamos imitá-la. Daí a brincadeira se instaurou. Como boa brincante que é, Thalita colocou a música “Faraó”, escrita por Luciano Gomes e interpretada por Margareth Menezes.

O grupo dançou e cantou com vitalidade. Dançaram juntos, dançaram separados. Giraram, correram, pularam, caminharam e rebolaram. Foram seduzidos pelo ritmo e pela batida da música. E como diz Rosa (2013), a música conclama a dança, a dança energiza e a dança faz do corpo um instrumento de expressão.

Na sequência, com o corpo em comunhão com o sagrado, o grupo foi convidado a formar uma grande roda para dançar o “Toré”, aprendido no encontro anterior. Era possível ver o calor do ambiente, o suor escorrendo pelos corpos, e uma sintonia muito forte que levou o grupo a sentir uma vontade imensa de rir juntos. Uma integrante do grupo, quando já estávamos mais calmos, disse: “Eu nunca senti isso antes”. Gargalhamos de novo. Sobre isso, o grupo 1 contou que:

Nossa noite foi tão prazerosa que não podíamos controlar o riso, bem como as lágrimas. Rimos e sentimos, muito intensamente.

O grupo 2 relatou:

Tivemos um acolhimento que nos despertou grandes emoções, fazendo com que nos sentíssemos confortáveis para nos expor, e essa exposição nos permitiu relaxar, divertir-se e meditar sobre coisas importantes.

Os estudantes foram convidados para refazerem o círculo e ficarem de olhos fechados deixando o corpo balançar, sem perder o eixo, de um lado para o outro e percebendo a respiração. Inspirando e expirando pelo nariz, fazendo uma respiração profunda, repetida por duas vezes. Aos poucos, deixamos nossa respiração mais próxima do natural. Para

esse momento do embalo, cantamos a cantiga já aprendida “Embala eu Mamãe”.

Foi pedido para que cada um voltasse à sua infância e lembrasse a pessoa mais velha da família com quem conviveram. Questões eram lançadas na expectativa de avivar essas memórias: Qual era o cheiro dessa pessoa? Como eram as suas mãos? Era sua mãe, avó, avô, uma tia, um tio? Por que você se lembrou dessa pessoa, o que ela ou ele te ensinou? O que ela representa ou representava para você? Quais as histórias que essa pessoa te contava?

Com os olhos abertos, continuamos sentados no chão em roda e cada um pegou o objeto levado para o encontro. As duas integrantes que não participaram do encontro anterior pegaram dois objetos aleatórios da mochila para poderem participar da atividade. Isso não atrapalhou o andamento da atividade. Mas ficou claro, para todos do grupo, que a ausência das duas na aula anterior implicou na elaboração do exercício, que tinha como foco a integração da identidade e ancestralidade dos estudantes através da história de vida. Todas as histórias foram compartilhadas.

Assim, a prática dialógica resultou em uma roda de conversa em que as lembranças, festas e tradições familiares emergiram e foram apresentadas através de fotos de família, objetos e farinha com rapadura, comida típica da infância de uma estudante. Foi um momento poético e de muita emoção, alegria e apoio entre os integrantes, que ampararam seus colegas durante a fala entrelaçando as mãos.

Foi proposto que para no último encontro os participantes se aprofundassem nas histórias de vida, nas memórias, no imaginário e elaborassem uma apresentação que englobasse o corpo, a criatividade e as linguagens artísticas que quisessem acionar. Assim, foi finalizado o segundo encontro.

Terceiro Encontro

Com semblantes mais leves, os estudantes chegaram animados e barulhentos. Vale considerar que havia pouquíssimo tempo que as aulas presenciais tinham retornado do *lockdown* devido à pandemia da covid-19. E, talvez, a animação tenha ocorrido porque ainda estávamos encantados com o momento mágico que ocorreu no segundo dia durante a Roda de Harmonização e a Roda de Embalo: “Eu nunca vivi isso antes”. Nessa noite, os nove estudantes compareceram.

O último encontro foi dividido em três momentos. A Roda de Diálogo e a Produção Partilhada. Na noite anterior, a roda de conversa potencializou, como explica Pacheco:

A transição da consciência intransitiva para a ingênua, depois para a consciência crítica para a comunitária. Os rituais dialógicos facilitam a integração da expressão da identidade, da ancestralidade e da celebração da vida aos assuntos e temas das ciências na sua leitura de mundo, ao projeto de vida da comunidade e da humanidade (Pacheco , 2017, p. 3).

Esse fluxo entre consciência e vivência é o que define os rituais dialógicos, que, nesse caso, foi uma roda de conversa. Em seguida, atentos ao processo do grupo e do vínculo que foi construído, demos início à apresentação das histórias de vida. Um por um, em um ritual de afeto, respeito e acolhimento, emoções e lembranças foram sendo entregues em um processo de doação, possibilitando a todo o grupo o encontro com a oralidade, ancestralidade e identidade.

Dançamos juntos.

Dançamos nossas memórias.

Dançamos separados.

Observamos fotos.

Falamos sobre os sabores da infância.

Dança popular.
 Ouvimos música.
 Cantamos.
 Cantamos nossas memórias.
 Choramos.
 Brincamos.
 Conhecemos o universo dos avós.
 Conhecemos o universo de pai e de mãe.
 Conhecemos sobre as festas familiares.

Conforme Lilian Pacheco (2015):

Para a Pedagogia Griô, o fio da meada é a história de vida de cada um, tecido com a de seu povo e nação integrada ao mundo, este é o único fio que podemos reatar. Então, retornemos angústia no diálogo com a velha trabalhadora ancestral, que também poderia ser uma criança numa escola de comunidade tradicional. Ensina-se, desde cedo, a negar que é negra, de terreiro, indígena, de comunidade rural, cigana, autora. Ensina-se, desde cedo, a negar sua própria corporeidade. São diversas negações incorporadas, que refletem erros epistemológicos transversais entre cultura e educação, fazendo a criança, ou o estudante em geral, se perder da descoberta encantadora dos saberes e fazeres trilhados por sua avó em sua comunidade (Pacheco, 2015, p. 41-42).

A partir das histórias narradas, era possível identificar os marcadores das africanidades. Os temas 1) História de vida e tradição oral e 2) Corpo e ancestralidade, e os subtemas dos encontros, desdobraram-se em outros elementos dos marcadores em uma celebração da vida. Um aspecto da Pedagogia Griô que ficou muito claro a partir desse estudo de caso foi o do conhecimento encarnado, ou seja, o principal método de aprendizagem é a experiência vivida coletivamente numa relação de participação e afeto.

Cada participante da oficina, negro/pardo ou não, na sua corporeidade, sua identidade e sua ancestralidade, cada um consigo e no coletivo, sentiram no e pelo corpo os desafios de uma educação antirracista. Pensar que “seria um curso formal, com apostilas como é dentro do parâmetro acadêmico” ou “A dinâmica da aula nos surpreendeu, pois esperávamos *slides* e textos acadêmicos”, pressupõe também desafios pedagógicos e epistemológicos para reescrever a lógica euro-ocidental “apontando outras corpo-políticas do conhecimento, é fundamental para o processo de descolonização dos corpos e do pensamento” (Pacheco, 2015 p. 23).

Novas temáticas dentro de uma abordagem afrorreferenciada questionam esses conceitos e evocam outros saberes. Saberes que compreendem que o “corpo negro não se separa do sujeito” (Gomes, 2017), que permitam implementar, nos currículos escolares e universitários, a história e as culturas africana, afro-brasileira e afrodiaspórica. Gomes explica:

A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo e individualidade. Há aqui o entendimento de que assim como “somos um corpo no mundo”, somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual (Gomes, p. 2017, p. 94).

Figura 5 – Registros do Terceiro Encontro



Fonte: Registros de Paula Duarte (2022).

Considerações finais ou Ritual de Partilha do Conhecimento

No modelo pedagógico da Pedagogia Griô, que inspirou o formato dessa oficina, como de toda a tese de Thalita Reis, os rituais de partilha do conhecimento compreendem o quarto e último momento do plano de aula. De acordo com Pacheco (2014), os rituais de partilha são práticas coletivas que agregam diversas áreas, desde linguagens científicas, tecnológicas, artísticas, culturais, econômicas às políticas. Associam ciência, arte, mito e tecnologia na elaboração do conhecimento com o objetivo de sistematizar, registrar e avaliar os processos educativos entre encantamento, vivência, diálogo e seus “fluxos na consciência dos participantes”.

Um dos propósitos desse momento é a “elaboração de pesquisas que expressam todo o processo de elaboração do conhecimento entre estudantes, educadores, mestres griôs e comunidade em geral, empoderando-os e instrumentalizando-os”. Dessa forma, contribui também com que os “estudantes e comunidades se apropriem dos saberes e sejam sujeitos coletivos de pesquisa e, não objetos das mesmas” (Pacheco, 2015, p. 47).

As pesquisas e produtos artísticos-culturais, ou didáticos, de forma compartilhada podem ter vários formatos. São exemplos de produções partilhadas: aulas-espetáculo, clip de música, escritas diversas como livro coletivo, varal, jornal escolar e comunitário, jogos cooperativos, produções artísticas e artesanais em geral, texto coletivo; jogo de trilha griô, a trilha grio, entre outros! Nesse campo de produção do conhecimento, nossos produtos perpassam os três textos coletivos confeccionados nas oficinas e a própria confecção deste texto inteirinho.

Ao evidenciarmos a construção de práticas pedagógicas de combate à discriminação racial, argumentamos que é possível, a partir das histórias de vida, dar corpo à aprendizagem para abrir caminhos para processos educativos que priorizem a experiência do corpo e da corporeidade negra, entendendo o corpo como morada ancestral que marca o aprendizado no corpo. Um corpo que se movimenta, que dança, que brinca, que chora, que tem crises de riso e que consegue ampliar a consciência de si no mundo. Esta investigação defende que os elementos afroreferenciados sejam acionados como fonte de experiência e conhecimento na formação de professores.

Acreditamos que as perspectivas epistemológicas que se baseiam em contextos étnico-raciais podem ampliar as formas de pensar a formação de professores da educação básica, por alargarem a hegemonia cultural eurocêntrica e a hierarquia epistemológica que universaliza o conhecimento ocidental como uma via exclusiva de conhecimento.

E agora, querido e querida leitor e leitora, vamos caminhando para a finalização deste encontro, deste texto dançado, agradecendo aos nossos mestres e a toda nossa ancestralidade africana, afro-brasileira e indígena. Bora cantarmos “Andorinha que voa” – cantiga aprendida com Lilian Mestra Griô, que aprendeu com Nádia Kauã Tupinanbá da Aldeia Tucum de Olivença, na Bahia:

*Andorinha, que voa, que voa andorinha
Eu vou me embora agora guerreiro.*

Referências

CARVALHO, F. O. A arte e a cultura afro-brasileira como descentramento sensorial na Pedagogia. *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 8, n. 2, 2021. DOI: 10.22456/2357-9854.117510

CARNEIRO, S. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

LIGIÉRO, Z. *Corpo a Corpo: estudo das performances brasileiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MACHADO, A. F. ODUS: Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada. *Voluntas*, Santa Maria, v. 10, p. 03- 25, set. 2019.

MACHADO, A. F.; OLIVEIRA, L. S. Memórias ancestrais e filosofias africanas forjando caminhos para uma educação afrorreferenciada. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 17, p. 1–15, 2022. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.17.19478.011

REIS, D. S. Estéticas afro-decoloniais e narrativas de corpos negros: arte, memória, imagem. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. 34, p. 774–801, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/847>. Acesso em: 10 nov. 2024.

REIS THEODORO, Thalita de Cássia. *Eu nunca vivi isso antes: presença do corpo e práticas pedagógicas afrorreferenciadas para uma educação antirracista*. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2024.

ROSA, A. *Pedagoginga, autonomia e mocambagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

PACHECO, L. *Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida*. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.

PETIT, S. H. Práticas Pedagógicas para a Lei N° 10.639/2003: A Criação de Nova Abordagem de Formação na Perspectiva das Africanidades. *Educação Em Foco*, v. 21, n. 3, p. 657–684, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22195/2447-524620162119874>

PACHECO, L. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. *Revista Diversitas*, São Paulo, ano 2., n. 3., mar. 2014, set. 2015.